

A análise da representação do/a negro/a em um livro didático

Flávia Carolina da Silva
Mestranda em Políticas Educacionais
Universidade Federal do Paraná

Este trabalho pauta-se na apreciação das relações raciais em um livro didático de Português do 5º ano do Ensino Fundamental, pertencente ao Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) na perspectiva da implementação da Lei 10.639/03 - que determina o ensino de história da África e cultura afro-brasileira e africana – nas instituições educacionais. Assim apropriamos do conceito da ideologia do silenciamento, proposto por Silva (2005), assim como a naturalização e a branquidade normativa para realizar as análises.. Cientes de que os livros didáticos, assim como outros segmentos da sociedade, tendem a propagar a discriminação étnico-racial, tivemos como intuito analisar as relações raciais nas imagens do livro para averiguar a presença, ou não, de hierarquias raciais; as permanências e mudanças em relação às formas e estratégias de hierarquia apontadas na literatura especializada; as aproximações e os distanciamentos dos indicativos legais de educação das relações étnico-raciais, especialmente o Artigo 26-A da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), Parecer 03/04 para a educação das relações étnico-raciais. Constatou-se que há um silenciamento em relação à abordagem da temática étnico-racial. A disparidade entre a representatividade aponta uma normatização da condição do/a branco/a, que está enraizada na sociedade, e esteve presente no livro e a naturalização da condição de vulnerabilidade da criança negra, pois estas foram representadas em trabalhos infantil, ficando subentendido que apenas essas crianças têm seus direitos violados. O livro didático, investigado, demonstrou-se também superficial e insuficiente, constatamos uma completa ausência de textos sobre a cultura e história africana e afro-brasileira, pois poderiam ser utilizados contos, fábulas e textos que contemplassem historicamente e culturalmente esta temática, para que houvesse um cumprimento legal e ampliassem o conhecimento dos/as alunos/as sobre a temática.

Palavras chave: Relações raciais; livros didáticos; Lei 10.639/03.

As instituições educacionais estão imersas em nossa sociedade, portanto não estão isentas de serem submetidas a influências, sejam elas benéficas ou malélicas. Logo, a discriminação étnico-racial pode ser encontrada também nas escolas, pois ela tende a estar presente entre estudantes, professores/as, direção da instituição, nos materiais midiáticos e didáticos das escolas. Sendo assim a escola não pode isentar-se de trabalhar com as questões raciais, pois cabe a ela formar cidadãos/ãs anti-racistas, solidários e respeitosos (LOPES, 2005).

Lopes propõe que para atuar no sentido de promover igualdade as instituições educacionais teriam necessidade de comprometer-se com projetos que visem

conscientizar e modificar mudanças nas atitudes dos/as alunos/as almejando o combate do racismo (LOPES, 2005). Nessa direção a escola poderá “[...] promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça [...] e quaisquer outras formas de discriminação” (BRASIL, 1988).

Nesta direção nos anos recentes as instituições educacionais têm sido estimuladas a trabalhar com a educação para as relações étnico-raciais, bem como adquirirem subsídios para solucionar possíveis conflitos envolvendo o corpo discente e docente. Este fato ocorre, principalmente, a partir da modificação do artigo 26 - A da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) – alterado através da implementação da Lei nº 10.639/03 e Lei nº 11645/08 –, que define que conteúdos referentes à história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, sejam incluídos nos currículos educacionais. Visando ampliar os saberes dos/as alunos/as e minimizar as disparidades existentes raciais existentes nos contextos sociais.

Entretanto as discriminações raciais, no contexto escolar, vão além do silenciamento dos currículos, das ações discriminatórias e das práticas racistas, pois elas estão presentes também nos livros didáticos, afinal este material tornou-se uma das ferramentas principais de ensino, orientação e de apoio para os/as professores/as.

Tratando-se de um material “midiático” no sentido de discursos que atingem amplas parcelas da população (SILVA, 2008a), o livro didático tende a difundir discursos ideológicos na direção de fornecer subsídios para a sobreposição de um grupo sobre o outro. Nesta mesma direção, os livros didáticos tendem a contribuir para propagar os efeitos maléficos do racismo, ou seja, disseminando-os e não minimizando-os, como o esperado. Este pode aparecer de maneira explícita, estereotipada, ou através do silenciamento, tendo em vista que pesquisas (SILVA, 2008a; PACIFICO, 2011) apontam que o número de personagens brancos/as, e notoriamente maior quando comparado com o os/as personagens negros/as. Este fato pode transmitir a branquidade normativa, cujo ideal branco é normalizado.

O estudo das questões raciais deveria desencadear respeito entre as pessoas independentemente das suas características fenotípicas e origens. Sendo assim, seria adequado que as escolas estivessem ao par destes assuntos com a finalidade de promover soluções para minimizar o preconceito e conseqüentemente trabalhar com

assuntos em torno dos direitos humanos e cidadania em toda a educação básica (LOPES, 2005) a fim de diminuir a discrepância existente entre as raças.

Neste sentido o termo “raça”, neste trabalho, terá uma conotação social, tendo em vista que é incorreto o emprego desta terminologia no sentido biológico. De acordo com Silva Junior e Rogério Silva (2010b) “[as] variações biofisiológicas na espécie humana limitam-se ao plano da aparência física [...] e decorrem de necessidades orgânicas (condições ambientais ou climáticas, proteção dos raios solares)” (2010b, p. 55.). De acordo com tais autores, o referido termo tem sido utilizado desde o século XVI, referindo-se às características fenotípicas dos indivíduos.

Em nossa pesquisa tivemos como intuito analisar a imagem de personagens negros/as e brancos/as em um livro didático – do Programa Nacional Livro Didático (PNLD) – de Português do 5º ano do Ensino Fundamental para verificar a presença ou não de hierarquias raciais; as estratégias de hierarquia apontadas na literatura especializada e os possíveis impactos para as crianças leitoras; as aproximações e os distanciamentos dos indicativos legais de educação das relações étnico-raciais, especialmente o Artigo 26-A da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), Parecer 03/04 para a educação das relações étnico-raciais.

O livro escolhido para ser investigado é do 5º ano do Ensino Fundamental. Este pertence à coleção Projeto Buriti da editora Moderna e está em sua segunda edição, sendo 2011 a data da sua última publicação. A coleção é composta por obras de outras disciplinas dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Inicialmente fizemos uma primeira análise nos livros didáticos, esta não foi feita de maneira apurada, afinal tínhamos o objetivo de ter um primeiro contato com a obra. Para contabilizar, assim como classificar os personagens, fizemos uso da metodologia de análise utilizada por Silva (2005d), adaptada e usada por Santos (2009). Para tanto, foi necessário contar com auxílio do programa *Excel* para registrar e arquivar as informações coletadas no livro didático, na sequência lançamos as informações adquiridas no *Statistical Package for Social Sciences (S.P.S.S.)* para que dados mais precisos fossem gerados para a realização de análises mais aprimoradas e qualitativas.

Nesta direção utilizamos algumas categorias – presentes no Manual utilizado por Silva (2005d) para direcionar e nortear nosso trabalho –, são elas: Natureza; Individualidade; Sexo; Cor-etnia; Idade/etapa da vida; Nome; Relação de Parentesco; Tipo de ilustração e Atividade escolar.

Para tanto foram considerados personagens todos/as aqueles/as que possuíam, de alguma forma, traços humanísticos ou eram elementos antropomorfizados. As imagens que continham seis ou mais personagens foram consideradas e classificadas como grupo. Embora tenhamos adotado tal classificação, esta é um tanto quanto frágil e tende a contribuir para minimizar e comprometer os resultados finais, pois em uma das imagens fotográficas analisadas, um menino negro está em uma posição de destaque embaixo de uma bandeira nacional em uma determinada manifestação. Tal imagem foi considerada valorativa, em nossa análise, por possuir um número relevante de personagens negros e negras, porém haviam alguns personagens brancos o que nos levou a considerar tal imagem como multiétnica.

Na categoria cor utilizamos sete subcategorias sendo elas: Branco, preto, pardo, indígena, amarelo, grupo multiétnico e outros – sendo este último não foi utilizado, pelo fato dos personagens conseguirem ser enquadrados nas demais categorias. Cabe ressaltar que consideramos pretos/as todos/as aqueles que possuem características fenotípicas afro-brasileiro e/ou africanos, com cabelos crespos e tom de pele escura. Os/as personagens pardos também possuíam características fenotípicas negras, porém a tonalidade da pele é mais clara quando comparada com os/as personagens pretos/as. Há de se advertir, que o Movimento Social Negro considera negro/a todos/as os/as que correspondem às categorias de pretos/as e pardos/as.

Cientes de que a imagem é uma ferramenta de identificação por parte das crianças, sendo assim os materiais didáticos poderiam contemplar, de maneira positiva, a diversidade étnica racial para cumprir não só as determinações legais da Lei 10639/03 e do Edital do PNLD, mas também oportunizar, através das imagens, para que todas as crianças pudessem identificar-se nas ilustrações das obras didáticas, contribuindo assim para uma construção positiva da identidade dos/as pequenos/as estudantes.

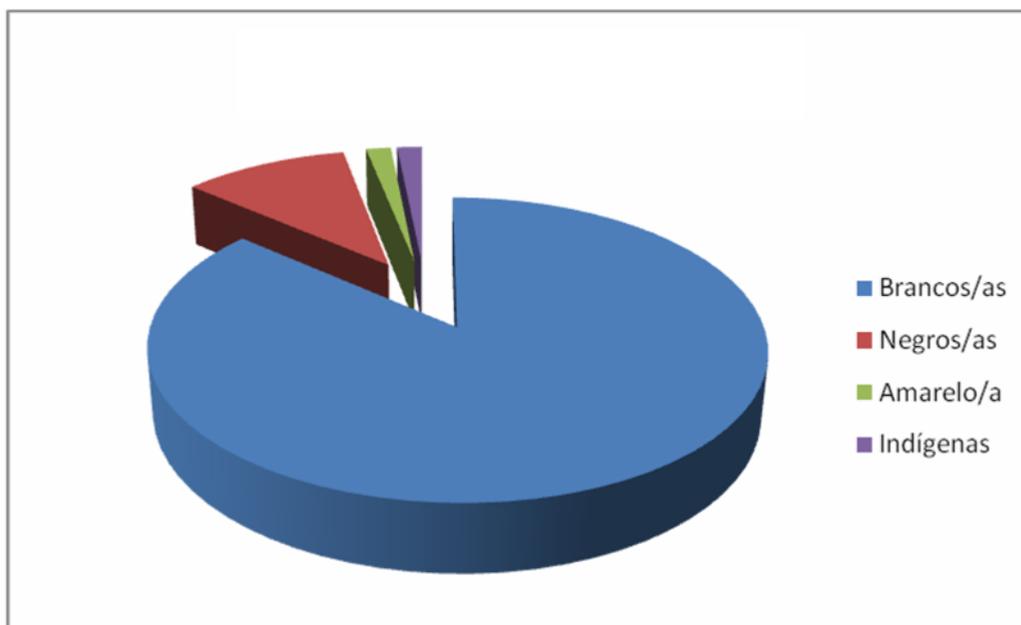
Após debruçarmos sobre as relações entre negros/as e brancos/as no livro didático, averiguamos uma nítida ausência, sub-representação, da população negra nas imagens. Afinal, como pode ser visto na Tabela 1 e no Gráfico 1, dos/as 300 personagens identificados 164 foram classificados como brancos/as e 20 como negros/as, sendo que entre este número 3 personagens como pretos/as e 17 como pardos/as.

Tabela 1: Distribuição de personagens por cor/raça no livro didático

| Personagens | Número de Personagens |
|---|------------------------------|
| Branco/as | 164 |
| Negro/as (Pretos/as e pardos/as) | 20 |
| Amarelo/a | 3 |
| Indígenas | 3 |
| Total de personagens | 300 |

Fonte: Elaborada pela autora.

Gráfico 1: Número de personagens classificados racialmente



Fonte: Elaborado a partir da Tabela 1 deste trabalho.

Os dados representam uma taxa de branquidade alta, pois para cada negro/a há 8,2 brancos/as. Ao realizarmos a comparação com a pesquisa realizada por Silva (2005), constatamos que houve uma redução numérica da taxa de branquidade, porém manteve-se elevada:

Calculadas as taxas de branquidade, temos: no primeiro período, 33,5 personagens brancos ilustrados para cada personagem negro ilustrado; no segundo período, 25 personagens brancos ilustrados para cada personagem negro ilustrado; no terceiro período, 3,9 personagens brancos ilustrados para cada personagem negro ilustrado (SILVA, 2005d, p. 169).

Portanto, a taxa de branquidade no livro analisado é bastante superior à do último período analisado por Silva (11 livros publicados entre 1996 e 2003) que foi de 3,9; também ao resultado de Santos (2012) que observou taxa de branquidade de 2,9 em ilustrações de livros didáticos de Geografia; e mesmo superior à taxa de 4,9 observada por Mathias (2011) em ilustrações de livros de ciências de 8º ano. Significa que esse livro em específico apresentou a sub-representação de personagens negras em grau bastante mais elevado que a média das amostras de outros estudos. A sub-representação da

população negra que vinha tendo mudanças nas ilustrações de forma mais acentuada que nos textos apresenta um movimento contrário no livro analisado.

Outro ponto que merece análise é a presença de personagens classificados como pardos/as (17) em número muito mais alto que os classificados como pretos/as (3). Nos discursos de diversos meios midiáticos (SILVA e ROSEMBERG, 2008) os personagens “pardos” ou representantes da miscigenação brasileira eram, contraditoriamente ao discurso da mestiçagem, raros, em números geralmente inferiores aos brancos. Araújo (2004) considera que o pardo na telenovela brasileira representava um “não lugar”. Parece interessante observar uma mudança nesse sentido, com os personagens pardos passando a existir com maior frequência nos discursos deste livro. Por outro lado, esse número de personagens pardos em maior proporção significa a ausência quase total de personagens pretos/as.

Para além desta constatação, identificamos também que os/as negros/as tiveram pouca representatividade em relação às imagens que remetiam ao estudo, sustentando a falsa ideia de que o/a negro/a é desprovido de inteligência, cabendo ao branco/a, portanto ser o “detentor/a” do saber e instruir os menos favorecidos, nessa situação tem-se ainda o/a branco/a como o/a salvador/a. Essa disparidade existente entre cor/raça e escolaridade foi detectada e pode ser visualizada na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição de cor-etnia, dos personagens, por atividade escolar.

| | ATIVIDADE ESCOLAR | | | Total |
|-----------|------------------------------|----------------------------------|---|------------|
| | Desempenha atividade escolar | Não desempenha atividade escolar | | |
| Branco | 21 | 141 | 2 | 164 |
| Preto | 0 | 3 | 0 | 3 |
| COR-ETNIA | | | | |
| Pardo | 4 | 12 | 1 | 17 |
| Indígena | 1 | 2 | 0 | 3 |
| Amarelo/a | 2 | 1 | 0 | 3 |

| | | | | |
|---------------|-----------|------------|----------|------------|
| Grupo | | | | |
| Multiétnico | 0 | 0 | 3 | 3 |
| Indeterminado | 4 | 102 | 0 | 106 |
| Total | 32 | 261 | 6 | 299 |

Fonte: Elaborada pela autora.

O universo midiático, via de regra, tende a colocar o/a branco/a para representar: profissões de status, situações econômicas agradáveis, intelectualidade, famílias compostas por pai mãe e filhos/s, alunos/as, do ensino básico ou superior, com comportamento exemplar e com boas notas, cabe ressaltar que o modelo imposto pela mídia é a estética branca, beneficiando os/as que de fato são brancos e incentivando, por vezes, aqueles/as, que não são brancos/as, a rejeitarem seu pertencimento étnico-racial para adotarem tal padrão de beleza.

Enquanto o/a branco/a é enaltecido/a, o/a negro/a, via de regra, é colocado em posições subalternas, ocupando profissões com status menores, em que sua situação econômica assim como seu local de moradia, possui baixo prestígio social quando comparado com o/a branco/a quando não, é retratado em situações que remetem a violência. Essa valorização dos indivíduos brancos e a situação subalterna dos/as negros/as é algo que está *naturalizado*, em que o/a branco/a é tipo como norma, tendendo a excluir assim, todo/a aquele/a que tentar desviar dessa lógica racista e seguir um caminho mais respeitoso e igualitário.

A partir da análise dos dados, é possível constatar que o livro didático investigado tende a reproduzir a branquidade normativa – conceito este que está impregnado em nossa sociedade – tendo em vista o expressivo número de personagens brancos/as representados/as.

Apesar da nítida disparidade entre personagens branco/as e negros/as, o livro didático apresenta algumas imagens, que consideramos, não depreciativas, mas sim valorativas de crianças e adultos negros/as. Potencialmente contribuindo assim para que as crianças negras se aceitem identifiquem-se positivamente, seu pertencimento étnico e incentivando as crianças brancas a desenvolverem respeito para com os/as outros/as.



Imagem 1: Crianças em uma sala com os objetos bagunçados.

Apesar das singularidades e especificidades em que os/as personagens estavam retratados nas imagens apresentadas anteriormente – estando eles nos mais diversos contextos – observamos que todos os/as personagens apresentavam semelhanças em relação às roupas, e os cabelos – em especial o/as negros/as, afinal em todas as ilustrações, as crianças negras estavam bem retradas, e em posições valorativas.



Imagem 2: Menino negro em protesto

Na imagem 2 O menino ocupa uma posição de destaque, afinal a imagem está abrindo uma unidade. Ele é protagonista da cena, tendo em vista que está no centro da imagem. O garoto usa roupas adequadas e em boas condições, remetendo-nos uma ideia de que se trata de um garoto saudável, bem cuidado, ou seja, não está em condições de abandono e provavelmente possui uma boa educação, afinal sua expressão facial remete a felicidade/alegria e satisfação.



Imagem 3: Menina negra estudando

Apesar da imagem 3 possuir características valorativas no quesito racial, ela encontra-se no capítulo que faz referência aos direitos e deveres da criança e do adolescente. A fotografia está associada ao texto que aborda a questão do direito que toda criança tem aos estudos. Desta maneira, interpretamos que a boa imagem associada a este texto, pode transmitir, ainda que inconscientemente, a ideia de que as crianças negras são as que mais necessitam, e precisam conquistar este direito, afinal o acesso à educação já está garantido a grande parte das crianças brancas. Esta mensagem é reforçada pelas demais imagens contidas nesta mesma página, pois quanto os outros textos referem-se ao direito ao lazer e o direito de brincar, as fotos retratam crianças brancas – em sua maioria loiras – brincando. Naturalizando, portanto a ideia de que as crianças brancas têm o direito ao estudo, e que por vezes, essa carga horária é elevada, havendo necessidade, portanto de garantir, a estas crianças, o direito por um horário de lazer de qualidade. Torna-se natural, também, o fato de que o acesso aos espaços escolares deve ser um direito assegurado apenas às crianças negras.

Neste mesmo capítulo, nos deparamos com três fotos que tinham o intuito de retratar o trabalho infantil e a situação de vulnerabilidade de algumas crianças (figura 14).

Para retratar tal situação, utilizou-se três fotos: na primeira dois meninos negros estão limpando o para-brisas de um caminhão, que encontra-se parado. Enquanto os meninos realizam o serviço, o motorista e um passageiro aguardam dentro do veículo – aparentemente o passageiro é negro, mas não é possível identificar a raça do motorista na imagem; na segunda imagem um garoto negro está sentado em cima de uma espécie de toalha no chão de terra, ao seu lado há muitos babaçus empilhados além de dois recipientes com babaçu até a borda. O menino está com um pedaço de madeira quebrando coco de babaçu – como indica a legenda; na terceira foto outro menino negro está caminhando com a cabeça baixa em um depósito de lixo em São Paulo, as roupas, do garoto, não estão conservadas, tal imagem retrata a criança em uma situação subalterna e de risco, estando ele em uma situação vulnerável.



Crianças limpando para-brisa de caminhão, em São Paulo, 2002.



Menino quebrando coco de babaçu, no Maranhão, 2001.



Criança em um lixão de São Paulo, 1999.

Imagem 4: Trabalho infantil

Todas as três fotos retratam crianças negras, *naturalizando* condição de subalternidade e enfatizando a ideia de que crianças negras encontram-se em situação de risco, vulnerabilidade, em estado de abandono e estão envolvidas com o trabalho infantil. Como o capítulo menciona os direitos das crianças e adolescentes, fica subentendido que apenas as crianças negras tem seus direitos violados. Tal naturalização não está restrita a esta faixa etária, tendo em vista que a mídia televisiva tende a colocar os/as personagens negros/ em situações de vulnerabilidade, criminalidade, miserabilidade, entre outras posições inferiores – quando comparado com o/a branco/a –

estereotipando-o/a, reproduzindo e naturalizando a condição subalterna em que o/a negro/a é colocado/a.

A literatura especializada (SILVA, 2005, PACIFICO, 2011) aponta mudanças e permanências no racismo presente nos livros didáticos, e analisando o livro didático constatamos, a partir da leitura dos dados, que há um silenciamento em relação à abordagem da temática étnico-racial. A disparidade entre a representatividade nos aponta uma normatização da condição do/a branco/a, que está enraizada na sociedade, e esteve presente no livro. Ter o/a branco/a como norma tende a contribuir para a propagação do racismo, tendo em vistas que as pessoas dos demais pertencimentos étnico-raciais poderão sentir-se inferiores em relação à imposição do/a branco/a, pois este/a é colocado como em posições de superioridade social, intelectual, de poder e econômica.

Os efeitos do racismo nas representações nos livros didáticos

As imagens, ou representação, no processo de ensino e aprendizagem é de fundamental relevância, segundo Vigostky (2007). Na alfabetização, por exemplo, o ponto de partida é a imagens como representação simbólica na aquisição das letras e representação da escrita.

Rozana Teixeira (2006) pesquisou o livro didático e a apreensão dos alunos sobre linguagem visual nos livros referente à representação da população negra. Foram realizados entrevistas e desenhos feitos pelos alunos/as para análise da representação. Os/as alunos/as desenharam as situações de escravidão, pessoas negras em troncos sendo chicoteadas, muitas imagens pintadas de vermelha, representando sangue, entre outras imagens, mas a imagem que chama mais atenção é imagem de um homem negro chorando lágrimas de sangue (2006, p.117). Uma aluna afirma:

A imagem que eu vi do negro nos livros didático é a do negro escravizado. Acho que tinha que ter imagem onde o negro fosse mais considerado, mais respeitado, numa posição mais positiva em relação ao povo. Pouquíssimas vezes eu vi uma imagem positiva do negro no livro didático, sempre as imagens que aparecem coloca o negro de lado. (2006, p. 118).

Ou seja, o/a aluno/a percebe invisibilidade da população negra no livro didático e não é diferente na literatura o/a aluno/a negros/as não se enxergam nos livros. Outro aluno diz:

Eu acho que a quantidade de pessoas brancas e negras deveria ser igual, porque a quantidade de pessoas negras é quase igual à quantidade de brancos. Nunca vi também nenhum personagem negro nos livros de literatura infantil, só branco. Eu acho importante ter negro também no livro infantil, porque ninguém ia ter preconceito, ia ser normal (2006, p. 116).

Observamos nesses relatos que o aluno/a tem muito a nós dizer sobre o seu processo de aprendizagem no que se refere aos conteúdos apreendidos nas escolas. Os relatos de demonstram também uma relação simbólicas da representação da população negra nos livros. Uma representação negativa e estereotipada que alunos e alunas negros e brancos vão se acostumando a visualizar nos materiais didáticos distribuídos nas escolas. E se “a origem do pensamento deve ser procurada na função simbólica” e se a “formação da função simbólica consiste em diferenciar os significantes dos significados, de modo que o primeiro permitam a evocação da representação dos segundos”, como afirma Piaget (1969, p. 85) o que será que educandos e educandas negros e brancos está internalizando sobre a cultura e história da população negra no Brasil transmitidas nos livros didáticos?

Eu nunca vi um livro para criança, trazer um super-herói negro, só branco. Eu acho que era importante ter personagens negros, para a gente se sentir importante também. Os livros que nós estudamos, tem bastante negro, é tudo escravo, uma situação ruim, tinha que ter negro comendo do bom... Vestindo do bom, não apanhando de chicote, tem negro que trabalha em lugar bom, mais tem negro que não. Eu vi na televisão uma mulher, era negra, tinha uma placa na loja, que estava escrito: “procura-se alguém para trabalhar”, ela estava sem emprego e foi lá perguntar, a mulher da loja disse que já tinha alguém, por causa da cor dela. (TEIXEIRA, 108)

Eu gosto de surfar, nunca vi uma imagem, fotografia de um surfista negro nos livros, eu acho que não tem por causa da cor. Eu gostaria também de ver família reunida, todo mundo junto, criança jogando bola, essas coisas que criança normal faz... Na escola... E nem na rua, nunca ninguém me chamou por apelidos... Nos livros didáticos, tem muito mais branco do que negro. Devia ser igual. Nunca li um livro de historinha infantil que tivesse um personagem negro, só branco. Eu acho importante ter, há me lembrei do Saci Pererê. (TEIXEIRA, 111)

Um “super heróis” que nunca é representado como sendo negro. A criança negra e branca não tem uma referência positivo sobre população negra. Para crianças negras é uma questão de autoestima, ver-se, enxergar-se numa representação imagética no livro didático e considerar-se importante como relata um aluno: “Eu acho que era importante ter personagens negros, para a gente se sentir importante também”. E se para as crianças negras o sentimento é de inferioridade (como está expressada no trecho) para as crianças brancas e uma situação de superioridade. Tanta superioridade que se pode até humilhar um colega.

No livro didático, é chato ver crianças trabalhando, que precisam, deviam estar nas suas casas, brincando ou estudando. Eu nunca li um livro de historinha, que tivesse negros, só brancos, devia ter negros, qualquer tipo de pessoa, para as pessoas verem que existem negros e outros tipos de pessoas...Eu me considero bonita, porque os negros também são bonitos, tem gente branca que é feia também...Eu já me senti humilhada por causa da minha cor, já me chamaram de negra feia, que meu pai é branco, não pode ser meu pai, que não é bem meu pai, ele considera que é meu pai, minha coleguinha disse que ele não pode ser meu pai, porque eu sou negra...Aqui na escola, as crianças me tratam bem, me aceitam como eu sou, eu gosto muito daqui da escola, ninguém liga se é gordo ou se é magro, se é feio ou feia. Os professores também me tratam igual (TEIXEIRA, 2006)

As crianças negras relatam que são frequentemente xingadas e ofendidas pelos colegas brancos. “Escravo”, “escravizados”, “escravinha”, “vou te chicotear”, “cabelo duro”, “cabelo de Bombril”, “macaco”, “sua mãe é feia” entres outras coisas. As experiências escolares das crianças negras quase sempre são traumáticas. A escola é uns dos principais meios de socialização das crianças, é o espaço em que se permanece um longo espaço de tempo do período da infância e da adolescência e as lembranças nem sempre são as melhores.

Duas autoras se dedicaram a pesquisar o contexto escolar. Eliane Cavalleiro (2001) pesquisou instituição de educação infantil e Rita Fazzi (2004) retratou as práticas educativas no ensino fundamental e ambas pesquisaram a socialização das crianças. Nas duas pesquisas o que ficou evidente foi à relação conflituoso de negociação, rejeição e aceitação existem entre crianças negras e brancas. Os xingamentos e apelidos são frequentes.

Atualmente temos a Lei nº 10.639/2003 alterada pela Lei nº 11.645/2011 que modificou a LDB. Fato esse que é um conquista histórica do movimento social negro. É

uma oportunidade de a sociedade reconhecer os aspectos sócio-históricos da população negra e, também, é a oportunidade das crianças negras da nova geração não passar pelos constrangimentos que tange o processo ensino/aprendizagem escolar que as gerações mais velhas passaram. É redescobriremos uma história com outra perspectiva tanto da cultura e história negra quando da indígena para todos outros povos.

As pesquisas relacionadas à produção de LD apontam que apesar da permanência dos estereótipos e hierarquização sobre a população negra foi possível captar também algumas mudanças tênues nos livros, em especial língua portuguesa (distribuídos em 2007), de história (distribuídos em 2008) e de geografia (distribuídos em 2010), (PACIFICO; SILVA; TEIXEIRA; 2012). Contudo, os desafios para uma educação equânime no que se refere a produção dos LD para as relações raciais ainda são mínimas, pois quando não há figuras representadas de formas estereotipadas são as posições hierarquizadas dos diferentes grupos étnicos. Ou ainda, não há menção sobre a história e cultura africana e afro-brasileira, como foi o caso do livro didático de 5º ano pesquisa para nesse trabalho. Colocar figuras e imagens da população negra nos LD é um avanço se compararmos como os livros mais antigos. Contudo, a implementação da lei, não é somente representação imagética da população negra nos LD, mas é também relatar e trazer aspectos e contextos da história e cultura negras e indígenas. É tornar conhecidos os feitos tecnológicos, científicos e culturais dessas populações, negra e indígena, marginalizadas que muitas vezes são consideradas a-históricas e aculturais.

Boaventura Souza Santos (2012) afirma que houve um epistemicídio quando se trata da história e cultura dos povos negros pelo mundo, ou seja, houve uma morte, um aterramento dos conhecimentos produzidos pelos povos marginalizados e racializados culturalmente na sociedade ocidental. Recuperar os elementos sócio-históricos desses civilizações é romper com o epistemicídio perpetuado.

Os relatos e falas como as que foram trazidas demonstram o quanto que os livros didáticos estão frágeis nas discussões sobre as relações étnicas raciais. O quanto que representações hierarquizadas dos grupos étnicos podem trazer construções distorcidas no ponto aquilo que contribui para implementação das Diretrizes Curriculares para Educação das Relações étnicas Raciais.

Considerações Finais

O livro didático, investigado, demonstrou-se também superficial e insuficiente, pois em nossa análise de sondagem, constatamos uma completa ausência de textos sobre a cultura e história africana e afro-brasileira, afinal poderia ser utilizado contos, fábulas e textos que contemplassem historicamente e culturalmente esta temática, para que houvesse um cumprimento legal, e para garantir que os saberes dos/as alunos fossem ampliados.

Diante da análise empreendida, podemos concluir que a ausência e o silêncio transmitidos pelo livro didático tende a contribuir para o desencadeamento de um sentimento de inferioridade racial, por parte das crianças negras, e superioridade racial entre os/as alunos/as brancos/as. Os/as educandos/as negros/as não estão devidamente representados/as na programação visual do material didático, tampouco tem a oportunidade de aprender sobre a história e cultura e contribuições de seus antepassados. Ainda que se trate de um livro de Língua Portuguesa que conste a presença de determinadas imagens que valorizam os/as negros/as, de forma geral as mudanças são limitadas. O discurso do livro poderia retratar um número maior – e/ou mais igualitário, se compararmos com o número de brancos/as – de imagens valorativas representando a diversidade étnico-racial.

Esse conjunto, de ausência e silenciamento, por vezes, tende contribuir para a solidificação e perpetuação do racismo, operando de forma inversa às proposições de educação das relações étnico-raciais e da Lei 10.639/03.

À medida que as questões étnico-raciais são trabalhadas em âmbito educacional, os saberes não só das crianças, mas do corpo docente, como um todo, poderá ser desencadeado, afinal o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira proposto pelas normativas – a iniciar pelo artigo 26^a da LDB – prevê ser trabalhada e cumprida independente do número de negros/as da escola.

Sabe-se que o livro didático é um material de apoio, cujo intuito é auxiliar o trabalho a ser realizado pelo/a professor/a, porém não são todos/as os/as profissionais que possuem formação e comprometimento com as relações raciais, sendo assim o livro



Revista África e Africanidades - Ano 8 – n. 20 , jul. 2015 – ISSN 1983-2354

www.africaeaficanidades.com.br

didático deveria fornecer subsídios para minimizar os efeitos maléficos do racismo, justamente por ser um material que possa por um número considerável de avaliações em que os pré-requisitos, deveriam ser respeitados e seguidos.

Revista África e Africanidades - Ano 8 – n. 20 , jul. 2015 – ISSN 1983-2354

www.africaeaficanidades.com.br

Referências Bibliográficas

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação**. São Paulo: Contexto, 2000.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. Rio de Janeiro: Companhia editora Forense, 1969.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Porquê as Epistemologias do Sul?** <http://www.youtube.com/watch?v=ErVGilUQHjM> Acesso agosto 2013. (Publicado em 16/05/2012 Palestra em Português - Coimbra, 9 Março 2012) SANTOS, Joel Rufino. **O que é racismo**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1984.

SILVA, Paulo V. Baptista, TEIXEIRA, Rozana e PACÍFICO, Tânia. **Políticas de promoção de igualdade racial e programas de distribuição de livros**. Educ. Pesquisa [online]. 2013, vol.39, n.1, pp. 127-143. ISSN 1517-9702.

ROSA, Solange A. **Relações raciais, literatura infanto-juvenil e livro didático de língua portuguesa em contexto escolar**. Monografia. Curitiba: Universidade Federal Do Paraná, 2013.

TEIXEIRA, Rozana. **O papel da educação e da linguagem no processo de discriminação e atenuação do racismo no Brasil**. (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.